

# humanitas

Vol. XLI-XLII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XLI-XLII



COIMBRA

MCMLXXXIX-MCMXC

De interesse imediato para os classicistas (de interesse mediato serão todos) são também definições como a de *Catarse* (por V. M. Aguiar e Silva) e de *Civilização e Cultura* (por Manuel Antunes). Este último é uma síntese modelar de uma questão extremamente complexa, feita por alguém que marcou gerações como pensador e como historiador da cultura.

Conhecidos professores de Filosofia (três da Universidade Católica, Roque Cabral, Manuel da Costa Freitas e J. Bacelar e Oliveira; um da de Coimbra, Alexandre Fradique Morujão; outro da de Lisboa, Francisco da Gama Caeiro; e um do Instituto Brasileiro de Filosofia, António Paim) formam a direcção desta Enciclopédia, cujo primeiro volume contém artigos de mais de cem colaboradores. Estão previstos mais três tomos, que virão a constituir certamente um instrumento de consulta indispensável aos estudiosos.

M. H. R. P.

R. A. TOMLINSON, *Greek Architecture*. Classical World Series. Bristol Classical Press, 1989. VIII + 104 pp. e 44 figuras.

O A. é bem conhecido dos historiadores da arte grega, quer pelo facto de ter procedido à revisão actualizada do célebre tratado de A. W. Lawrence, *Greek Architecture* (Penguin Books), na sua quarta edição, em 1983 (reimpressa em 1987), quer pelo de ser o director do Anuário da Escola Britânica de Arqueologia em Atenas.

Entendeu, e bem, este professor de História Antiga da Universidade de Birmingham que havia lugar, ao lado dos já clássicos grandes manuais de Arquitectura Grega, como o acima referido, ou os de Dinsmoor e de D. S. Robertson, para um estudo mais breve, que dissesse o essencial e incluísse as últimas novidades.

São estas precisamente algumas das qualidades que recomendam a obra em apreço.

Depois de uma introdução, trata sucessivamente dos primórdios do templo (sem omitir os dados provenientes dos novos achados de Lefkandi, reconhecendo embora «que nada mais se conhece da Idade das Trevas que possa definir-se como tendo qualidade arquitectónica» — p. 13), distinguindo as duas grandes ordens, referindo os materiais e as técnicas de construção; dos templos do período clássico, especialmente o de Afaia, o de Zeus em Olímpia, o Pártenon, o Hefestéion e outros semelhantes a este, o de Atena em Priene e o Artemision de Magnésia; da tipologia dos monumentos gregos. Os dois últimos capítulos, «Edifícios no seu contexto», ocupam-se, um, de santuários, nomeadamente os da Acrópole de Atenas, o de Olímpia e o de Delfos; outro, das cidades. Daqui resulta alguma repetição (fala-se, por exemplo, duas vezes do Hefestéion e do Templo de Zeus em Olímpia) que, aliás, não é inútil, porque vem enquadrar noutra perspectiva os conhecimentos anteriormente adquiridos e traçar, nas linhas gerais, a história do edifício.

A obra termina com sugestões para prosseguir o estudo, bibliografia e um glossário de termos técnicos.

Escrito com clareza, rigor e actualização (também não falta a referência às recém-descobertas janelas na parede do pórtico oriental do Pártenon), o livro preenche com agrado a finalidade a que se destina. Será esta preocupação de brevidade que explica a quase omissão da variante coríntia (referida em três linhas na p. 49 e explicada no glossário). Também será difícil ficar satisfeito com o tratamento das origens do templo clássico (pp. 14-15). O A. supõe que tanto a construção tumular, com uma colunata, de Lefkandi, como o mégaron micénico derivaram, bem como o templo, da cabana regional, mas por vias independentes, e que teriam sido as práticas observadas no Próximo Oriente e no Egipto que teriam levado à adopção da pedra, em vez do tijolo. Rejeita, portanto, como altamente improvável, a derivação do mégaron micénico, com o fundamento de que os palácios estavam todos destruídos no séc. XII a. C., o que pressupõe um intervalo de quatro séculos até à construção dos primeiros templos. Tal não é inteiramente seguro (cf. D. S. Robertson, *A Handbook of Greek and Roman Architecture*, p. 36). É uma questão que, afinal, se põe nos mesmos termos de cronologia e de descontinuidade que a das relações entre os heróis micénicos e os Poemas Homéricos. Outro ponto em que é difícil concordar é a interpretação da magnificência do Templo de Zeus em Olímpia como «uma oferta de agradecimento a Zeus por Esparta e os seus aliados, por os ter libertado da Pérsia» (p. 34), pondo de lado as informações de Pausânias sobre vitórias mais recentes a comemorar, uma das quais sobre Atenas. De resto, compreende-se que começasse a sentir-se a necessidade de um templo dedicado ao deus patrono dos jogos, que o não tivera até então. Na p. 56, poder-se-ia objectar à certeza com que é afirmado que o drama se desenvolveu a partir da dança coral e que o espaço circular para a dança era característico (quando as ruínas do Teatro de Thorikos indicam que seria outra a configuração primitiva). Em contrapartida, registamos com aprazimento a aceitação da tese segundo a qual a planta e invulgar elevação do Erectéion se deve tanto à necessidade de incorporar no novo edifício os santuários pré-existentes, como à de os embelezar arquitectonicamente (p. 69). Sugestiva também a ligação estabelecida entre a divisão em métopas e triglifos do friso dórico e a decoração de vasos em estilo geométrico (p. 18).

Em resumo, e não obstante pequenas discordâncias que facilmente podem surgir em matérias tão controversas, cremos que o livrinho de R. A. Tomlinson é de alta qualidade e prestará grandes serviços aos estudiosos.